

# Morar só: uma etnografia do espaço doméstico de um grupo de homens das camadas médias intelectualizadas\*

Roseli Buffon

Núcleo de Gênero e Subjetividade – PPGAS/UFSC

## Resumo

Este trabalho contém uma pequena etnografia do espaço doméstico de um grupo de homens pertencentes às camadas médias brasileiras, que encontravam-se, no momento da pesquisa, na faixa etária dos 30 a 35 anos. Nela abordo o envolvimento destes homens com este espaço, desde os aspectos ligados à decoração, até os saberes e fazeres culinários, passando pelos cuidados cotidianos com a limpeza e a arrumação.

**Palavras-chave:** Masculinidade, Gênero, (Não) Conjugalidade.

## Abstract

This article is a little ethnography of the domestic space in a group of middle-class, intellectual single men in their thirties. In this ethnography, I relate their attention with decoration, cookery and cleanness.

**Keywords:** Masculinity, genre, singlehood.

\* An Ethnography of Middle-Class Men's Domestic Space

Revista de Ciências Humanas	Florianópolis	v. 15	n. 21	p.171-186	1997
-----------------------------	---------------	-------	-------	-----------	------

Este trabalho contém uma pequena etnografia do espaço doméstico de um grupo de homens pertencentes às camadas médias brasileiras. Tratam-se de profissionais liberais – médicos, advogados, cientistas sociais, jornalistas, professores universitários, artistas, engenheiros –, na faixa etária dos 30 aos 35 anos e que haviam optado por morarem sozinhos no momento da pesquisa.<sup>1</sup> Nele buscamos retratar a realidade que observamos em relação ao envolvimento destes homens com este espaço, desde os aspectos ligados à decoração, até os saberes e fazeres culinários, passando pelos cuidados cotidianos com a limpeza e arrumação.<sup>2</sup> Nesta descrição procuramos refletir de que forma a casa e seus cuidados – este espaço que tradicionalmente é de competência das mulheres – refletem uma nova imagem masculina que eles buscam construir.

Os indivíduos que compõem o universo desta investigação pertencem a um *ethos* de camadas médias que encontra-se comprometido com um processo de questionamentos e tentativas de redefinições das relações homem-mulher, bem como do próprio sentido do que é ser masculino e feminino.<sup>3</sup> Neste contexto, pudemos observar que as redefinições da masculinidade observadas entre eles se fazem na confluência de dois eixos.

---

<sup>1</sup> Trata-se de parte da dissertação de mestrado intitulada: **“Encontrando o Homem Sensível? Reconstruções da Imagem Masculina em um Grupo de Homens das Camadas Médias Intelectualizadas”** PPGAS/UFSC, dezembro de 1992. Nela buscava descortinar os comportamentos e representações que marcam a construção da identidade masculina em meio ao universo intelectualizado e psicologizado das camadas médias urbanas brasileiras, tomando como “recurso de aproximação” (Salem, 1986) ao objeto um grupo de homens na faixa etária dos 30 anos, que moravam sozinhos. Roseli Buffon. (Tese de mestrado).

<sup>2</sup> A pesquisa de campo foi realizada em São Paulo, durante o primeiro semestre de 1990. Os encontros com informantes foram realizados em suas casas, justamente para que pudesse observar o espaço doméstico desses homens que “moram só”. A discussão acerca das questões de ordem metodológicas que orientaram e nortearam a pesquisa - tantos os caminhos percorridos para obtenção dos dados, como as interferências da subjetividade e da interação sujeito-objeto (marcadas pelo fato de ser uma mulher entrevistando homens, em suas próprias casas) - encontram-se no artigo: **“Encontrando’ uma Tribo Masculina de Camadas Médias”**, publicado em **Trabalho de Campo e Subjetividade**. Florianópolis, UFSC-PPGAS/Núcleo de Gênero de Subjetividade, 1993.

<sup>3</sup> Acerca da caracterização da cultura destes setores das camadas médias, também chamados pela literatura de “modemos”, por adotarem uma postura crítica aos padrões de moralidade “tradicionais”, que predominam ao nível mais geral de nossa sociedade, ver, entre outros, Salem (1986 e 1989) e Velho (1981 e 1986).

O primeiro diz respeito à expressão da sexualidade e dos afetos. Numa contraposição ao “homem machista”, eles identificam-se enquanto “homens sensíveis”. Sensibilidade que refere-se basicamente a uma nova postura quanto à expressão da sexualidade – opondo-se à imagem do “garanhão” – e dos afetos e sentimentos – opondo-se à imagem do homem “durão”, que não deve chorar, expor ao outro suas fragilidades ou demonstrar carinho por homens e mulheres sem que isto seja associado a desejo sexual. Este primeiro eixo, diz respeito, portanto, à incorporação de traços que tradicionalmente são considerados como femininos.

O segundo eixo refere-se à construção do homem “moderno”, e se expressa na busca por individuação. A solteirice e a opção por morar só surgem, para os indivíduos pesquisados, como os espaços escolhidos para a concretização do projeto de individualização. Projeto presente de forma marcante neste ethos intelectualizado e psicologizado, no qual autonomia, independência e liberdade sobre suas vidas constituem-se em valores através dos quais eles se constroem enquanto homens e enquanto indivíduos.

Um fator importante na caracterização do grupo estudado é a faixa etária na qual se encontravam, que variava de 28 a 34 anos. Idade em que, já tendo ingressado no mercado de trabalho, mesmo os indivíduos que integram o *ethos* intelectualizado das camadas médias, via de regra, encontram-se elaborando e realizando seus projetos de vida no interior de uma conjugalidade. Eles mesmos referem-se à sua situação como peculiar, frisando que a maioria de seus amigos, senão todos, encontram-se casados. Nesta medida, mesmo entre seus pares, eles se constituem em um grupo à parte, surgindo como àqueles que levam mais longe os ideais por individualização. O que, para eles, se constitui em um fator contrastivo que auxilia na construção de uma auto-imagem de “vanguarda”.

Por outro lado, outra característica do universo, que se relaciona de certa forma à idade, é que muitos ainda não haviam

passado pela experiência da conjugalidade – dos entrevistados, sete ao todo – e, os que o fizeram definem seu casamento como “precoce” – realizado em torno dos 20 anos e antes de se encontrarem estabelecidos no mercado de trabalho – sendo que apenas um tinha filhos. A possibilidade de virem a se casar não se encontrava descartada de seus projetos de vida – até porque o casamento permanece sendo representado como o espaço ideal de reprodução, senão de realização afetivo-sexual –, porém era projetado para um momento futuro – próximo ou distante. Ser solteiro representa, antes de mais nada, a ausência de um compromisso que implique, de alguma forma, estabelecer um projeto a dois. O que possibilita o direcionamento de seus investimentos – tanto materiais como emocionais – primordialmente para a realização de seus projetos individuais – o que uma conjugalidade, seja ou não sob o mesmo teto, restringiria.

Assim, pelas próprias características do universo investigado, me parece que, de fato, a opção deles é por um afastamento da estrutura familiar, que se faz tanto em contraposição à conjugalidade, quanto à permanência na casa dos pais, pela construção de um espaço (físico e simbólico) sem “controles”, sem a “interferência” de outras pessoas, sem “negociações”. Um espaço no qual eles possam ser “eles mesmos”, “se descobrir” e, principalmente, adquirir autonomia e independência sobre suas vidas. Assim, esse período é marcado pelo autocentramento, no qual são os seus projetos, o seu prazer, a sua liberdade, o seu “crescimento interior”... que se colocam como prioridade em seus investimentos, tanto afetivos como materiais.

Dentro desta perspectiva, embora a opção pela solteirice não se constitua, para eles, em um projeto de vida definitivo, uma opção de vida por viver sem uma mulher, o período em que por ele passam é marcado pela busca de independência. Independência que se, por um lado, vincula-se à autonomia sobre suas vidas, longe dos controles e compromissos familiares; por outro lado, também adquire o significado de uma conquista de

“auto-suficiência” em relação às tarefas e ao papel que tradicionalmente coube à mulher no âmbito do espaço privado.

Dentro deste contexto, a casa adquire um significado especial, constituindo-se no lócus simbólico da nova imagem masculina que eles buscam construir. O momento em que eles decidem ter seu próprio espaço doméstico será um momento de afirmação de que “podem se virar sozinhos”, de que têm completa autonomia sobre suas vidas, enfim de que não dependem de ninguém para gerir seu cotidiano. A contrapartida da mulher “independente”, “autônoma” e “livre”, que eles projetam como ideal de parceira amorosa, é o homem cuja autonomia e independência se alastre pelos espaços domésticos. Isto implica uma reconstrução do masculino via a incorporação de traços que tradicionalmente compõem o gênero feminino, que se faz com a entrada do homem no espaço por excelência da mulher: a casa e seus cuidados.

## **1 Construindo o seu Espaço: a decoração**

Na medida em que a casa, para eles, adquire um significado tão especial, a decoração – este espaço de atuação feminina no interior da casa<sup>4</sup> – é, via de regra, tomada ao seu encargo. Quando há algum tipo de interferência feminina, ela surge mais no sentido de fornecer opiniões acerca de certos detalhes, como a disposição dos móveis, combinação de cores e de objetos, etc..., pois certos atributos relativos à estética, são ainda considerados, por alguns, como essencialmente femininos. Mas, há os que não escondem uma ponta de orgulho quando contam que foram eles mesmos que decoraram suas casas, comprando e ajeitando cada um dos objetos que a compõem, numa clara afirmação de sua autonomia neste campo.

---

<sup>4</sup> Acerca da atividade de decorar a casa como uma tarefa exclusivamente feminina a partir da separação da esfera da produção do espaço da casa, ver Rial (1988). Esta autora demonstra que, através da decoração, as mulheres demarcam a conquista do espaço doméstico como um domínio de sua exclusividade, recriando-o segundo seu próprio gosto.

A composição de cada ambiente irá variar segundo as necessidades, tanto simbólicas como objetivas, sentidas como prioritárias por cada um e, também, conforme seu poder aquisitivo, é claro. Foi assim que encontrei, basicamente, três tipos de ambientes, que revelam características que permitem agrupar meus informantes em, basicamente, três grupos. Passo agora a descrevê-los.

O primeiro tipo de ambiente que encontrei entre meus entrevistados pode ser exemplificado pelo apartamento de César. Sua decoração surpreendeu-me pela riqueza de detalhes, onde se encontravam objetos antigos em meio a poltronas super modernas; obras de arte (esculturas, telas e objetos artesanais), em meio a plantas espalhadas pela sala. Cada detalhe tem uma história para contar: a escultura, namorada durante meses na galeria de arte; o enfeite de argila artesanal, adquirido em uma de suas viagens; o móvel antigo que pertenceu a seu avô. Todos juntos possuem o valor de preencher simbolicamente seu espaço, o seu “templo”, como César gosta de chamar sua casa. O templo em que se inspira e adquire tranqüilidade para sua busca mística, no intuito de, centrando-se, conhecer-se interiormente e, convivendo com seu interior em plena harmonia, alcançar um objetivo sonhado: “bastar-se”. Onde cada objeto possui um significado especial.

Sua casa reflete, além de uma imagem “sofisticada” e “intelectualizada”, a necessidade de preencher o espaço – que aliás é totalmente tomado por móveis, esculturas, luminárias, plantas, quadros... – com objetos que lhe supram certas necessidades interiores, fornecendo um significado à sua vida “solitária”.

O segundo tipo de ambiente que encontrei revela características de um segundo grupo, para o qual o investimento na casa não se traduz numa decoração tão cuidada e nessa riqueza de detalhes. Certamente estes têm um poder aquisitivo um pouco menor, mas parece-me que, antes de tudo, eles priorizam outros elementos que consideram importantes para o “conforto” doméstico. Chamou-me a atenção em certos apartamentos que,

ao lado de uma aparente despreocupação com a decoração – apenas o que se considera indispensável: sofá, mesa, estante, com pouquíssimos “objetos decorativos” – encontravam-se aparelhos eletrônicos super modernos cuidadosamente instalados na sala de visitas: TV, videocassete, som, etc. ... É claro que há o gosto pela música, por certos programas de TV e o conforto de assistir ao filme desejado na hora e no local que lhe convém. Além do que, para estes indivíduos que moram só, a TV e a música são formas de driblar a solidão e afastar o silêncio de uma casa onde habita apenas uma pessoa. Fatos que explicariam a primazia do investimento nestes aparelhos em detrimento de outros objetos. No entanto, sugiro que além deste sentido prático e objetivo depositado na aquisição destes aparelhos há, paralelamente, outros significados de igual ou maior importância. Por um lado, a inserção na modernidade que estes aparelhos representam: e, por outro lado, o interesse e o domínio do saber sobre a “máquina”, sobre a tecnologia. Estes elementos, ao lado da quase ausência de detalhes na decoração, auxiliam na construção de uma imagem eminentemente masculina – algumas vezes completada pelo carro ou pela moto.

Há, por fim, um terceiro grupo cuja decoração da casa refletirá o que chamo de “imaginário europeizante”, e que se constitui no grupo majoritário.

Este “imaginário europeizante”, de certa forma, é uma marca deste *ethos* intelectualizado das camadas médias, no qual presencia-se uma valorização de símbolos europeus, expressa de várias formas: desde a referência a viagens realizadas à Europa, ou ao seu desejo, até sua incorporação na construção de um estilo de vida e de uma imagem pessoal, com a adoção de certos signos no vestuário, de certos hábitos cotidianos e na culinária, e a própria composição do ambiente doméstico. Creio poder associar a esta valorização o interesse por “antigüidades”, desde móveis até bibelôs, na medida em que os objetos, móveis, jóias antigos trazem consigo, de alguma forma, uma marca estrangeira.

Contudo, para os indivíduos que integram o terceiro grupo, o que chamamos de “imaginário europeizante” assumirá um valor central na construção de um estilo de vida, sendo uma das prioridades de investimento o consumo de certos produtos que lhes conferem uma imagem “refinada”, embora não necessariamente “luxuosa”. Este estilo de vida reflete-se na própria decoração do ambiente doméstico. Suas casas possuem uma decoração despojada, cuidadosamente despojada, onde os móveis e objetos modernos são substituídos por aqueles que possuem uma marca mais artesanal. Parece-me não haver uma preocupação em ter ou colocar em posição de destaque, como elemento decorativo, moderníssimos aparelhos eletrônicos de som e imagem. Pareceu-nos que estes, quando existem, possuem uma função predominantemente prática, e nem sempre encontram-se na sala de visitas. O que notamos é que o vídeo cassete é um componente já habitual neste universo, porém, ao seu lado, em muitos casos, havia uma TV de modelo mais antigo e um aparelho de som já meio gasto. O valor simbólico na composição de uma imagem, que, para alguns, está depositado nestes aparelhos de som e imagem, pelo signo de modernidade que eles representam, no caso dos indivíduos deste terceiro grupo, estará depositado em outros objetos. Objetos que, muitas vezes, não possuem uma função originariamente decorativa, mas acabam cumprindo este papel ao serem sutilmente expostos em peças por onde há circulação de visitas. Assim, encontrei, ao lado dos usuais “souvenirs” de viagens (quadros, tapetes, bibelôs), a cafeteira, as latas de chá, o bule, as garrafas de vinho, whisky, conhaque..., todos importados e cuidadosamente “guardados” em cima de armários de cozinha ou geladeiras, em cristaleiras ou prateleiras que não possuem portas. Mais uma vez, poder-se-ia argumentar que são produtos que cumprem uma função prática, na medida em que possuiriam uma qualidade superior aos similares nacionais. No entanto, consideramos que possuem um valor essencialmente simbólico, pois, ao se encontrarem expostos, atestam a proximidade do dono da casa com o universo europeu, seja por ser um viajante assíduo ou ter contato com quem o é,

seja, por cultivar um certo refinamento em seus hábitos cotidianos.

Pelas observações que realizamos, cremos poder afirmar que é este tipo de ambiente que caracteriza com maior precisão este *ethos* masculino das camadas médias intelectualizadas.

## **2 Pondo Ordem na Casa: limpeza e arrumação**

O investimento no espaço doméstico não se restringe à composição de um ambiente agradável; é necessário mantê-lo limpo e organizado. Aqui, entramos no dia-a-dia doméstico de nossos rapazes.

Transcrevemos abaixo um diálogo presenciado entre dois amigos que moram sozinhos:

Y- Quarta-feira apareceu a nova faxineira lá em casa. Super boa. Deixou o apartamento super limpo.

X- A primeira vez é sempre assim, elas fazem tudo perfeito, depois... Lá em casa, se eu quero que fique bem feito, do jeito que eu gosto, tenho que ficar em cima, dizendo como é pra fazer, senão elas fazem tudo matado.

Y- É, pode ser, mas, conquanto que eu não tenha eu mesmo que limpar, tudo bem. Porque cozinhar e passar a ferro é tranqüilo. Este tipo de trabalho manual até que é bom, relaxa, a gente esquece da vida. Agora, faxina braba, aí é dureza, eu me nego a fazer..

X- Passar eu não gosto, passo só o que é indispensável, mas lavar eu curto. Sempre lavei minha roupa, até quando eu não tinha máquina. E com máquina é uma tranqüilidade, eu até gosto da função de botar na máquina, esperar que lave, estender.

Confesso que ficamos surpresos ao escutar esse diálogo, pois geralmente assuntos ligados ao cotidiano doméstico não costumam estar presentes em conversas masculinas. Mesmo nas nossas entrevistas, eles só apareciam por interferência nossa, sendo que a maioria era muito lacônica ao comentá-los. Mas, apesar desse aparente pouco caso com as questões do cotidiano doméstico, observamos, pelo tom afirmativo com que os poucos comentários eram realizados, que eles davam muita importância

a elas, demonstrando que tinham autonomia e capacidade para administrar e manter limpa e organizada a casa.

Por outro lado, a conversa destes dois amigos revela a existência de uma seleção, entre tarefas do lar, daquelas em que investirão tempo e energia e daquelas que serão delegadas a outras pessoas. Essa seleção irá variar de acordo com o que é considerado fundamental fazer ou saber fazer dentro de casa para provar, para si e para os outros, que são capazes de “se virar sozinhos”, que não dependem de ninguém.

Para alguns parece ser fundamental a realização de todas as tarefas domésticas. No entanto, via de regra, não é necessário ocupar-se com todas as tarefas da casa. O envolvimento efetivo com o cotidiano doméstico poderá estar simbolizado pela realização de algumas delas, como lavar a própria roupa:

Rodrigo critica um amigo seu que foi morar só recentemente, mas continua utilizando-se da infra-estrutura doméstica de sua família: “assim é fácil com a mamãe lavando a roupa, almoçando lá todo o dia”. Fernando também acha um absurdo mandar a roupa para a lavanderia, podendo investir esse dinheiro em coisas que ele considera serem mais gratificantes, como lazer, por exemplo.

Este tipo de envolvimento com o cotidiano doméstico coloca-se como um elemento importante para a afirmação da auto-suficiência no lar dos indivíduos do universo investigado, sendo também uma forma de diferenciar-se do “solteirão”, aquele que “não tem autonomia dentro de casa”, necessitando de uma mulher, ou da oferta de serviços equivalentes, para manter-se em um espaço doméstico só.

No entanto, o que observamos é que realizar com suas próprias mãos essas tarefas domésticas se coloca como fundamental nos primeiros tempos no novo lar solitário. Momento em que necessitam provar a si mesmo e aos outros que possuem capacidade para fazê-las.

Passado este período inicial, “enche-se o saco” de realizá-las, ou elege-se algumas – aquelas que “relaxam”, ou que se “curte” quando se tem tempo, como vimos no diálogo anterior – e a afirmação de independência no lar passa a ser depositada no saber administrar sozinho a casa. O que também é uma tarefa que na nossa sociedade cabe às mulheres desempenhar, e que eles incorporam como um elemento que compõe a imagem do homem autônomo. Para realizar as tarefas cotidianas e repetitivas do cotidiano doméstico entra em cena uma personagem fundamental para a manutenção da casa: a faxineira. Ela será responsável pela “ordem” da casa e serão eles próprios que se encarregarão de procurar uma faxineira ou empregada, ficando com a função de comandar os seus serviços.

Poderíamos pensar que as faxineiras substituem as mulheres que sempre se encarregaram de garantir essa despreocupação com a conservação do lar: a esposa, a mãe e, eventualmente, a irmã. De certa forma, isto é verdade, pois “quando ela falta a coisa fica meio braba”; porém, delegar esse tipo de trabalho à empregada ou faxineira é um costume nas camadas médias. Se formos observar as mulheres que moram sós, veremos que também elas não se ocupam dele, sendo a faxineira também fundamental para a manutenção da casa, no que se refere à “limpeza braba” e aos cuidados com a roupa.

Entretanto, é importante ressaltar que eles afirmam saber fazer – e “bem” – as tarefas da casa, e serão eles próprios que se incumbirão de fiscalizar, mandar e reclamar dos seus serviços – o que faz parte da tarefa de administrar a casa. Observando os comentários a respeito do serviço da faxineira, vemos o quanto eles são exigentes em matéria de limpeza, sabendo exatamente o quê e como querem que seja limpo e arrumado.

Durante o trabalho de campo, observamos que alguns apartamentos contrastavam dos outros pela bagunça e falta de limpeza, e o velho chavão vinha-nos à mente: “bem apartamento de homem solteiro”. Outras vezes, a sala impecavelmente limpa e arrumada contrastava com o banheiro ou a cozinha,

bagunçados e/ou sujos. No decorrer da conversa ficava sabendo que sua faxineira os havia abandonado, estando eles à procura de outra, ou, por alguma razão, havia faltado no dia marcado. É na ausência da faxineira que se presencia a falta de arrumação e limpeza, pois das tarefas que o cotidiano doméstico impõem, a limpeza desponta como aquela em que os homens evitam despender tempo e energia, o que pode ser observado também em espaços domésticos habitados por mulheres.

O que eles estão demonstrando com essa atitude é que a limpeza não ocupa um lugar central na construção de sua autoimagem. Ao incorporarem um traço feminino – representado pela administração da casa – eles, ao mesmo tempo, recusam enquadrar-se em um modelo feminino que é associado à figura da “mãe”: é ela que é “perfeccionista”, que tem “mania de limpeza”, que tem seu espaço doméstico sempre limpo e arrumado. Incorporam, assim, na verdade, um traço do feminino “moderno”, onde um pouco de sujeira e uma certa falta de arrumação na casa marcam um estilo de vida, no qual o tempo e as energias estão canalizados para atividades centradas fora do espaço doméstico e de seus cuidados.

### **3 Um Saber a Mais: a cozinha**

No entanto, existe um item relacionado ao cotidiano doméstico que se destaca dos demais pela singularidade como é encarado por estes homens: cozinhar.

A questão da comida acompanhou-nos durante todo o trabalho de campo. Algumas das entrevistas realizados foram marcadas por sua presença: eramos recebidas com jantares, preparados pelo dono da casa. Ou, então, eramos convidadas a provar o doce que ele mesmo havia preparado.

Realmente, pelo que pudemos observar, praticamente todos têm uma especialidade culinária da qual se orgulham: as sopas, as massas, o peixe, os doces... É comum encontrarmos em suas casas livros e cadernos de receitas: japonesas, árabes, francesas,

alemãs... e mesmo as tradicionais brasileiras, e presenciarmos trocas de receitas entre eles.

Se realizar as enfadonhas tarefas de manutenção da casa é uma coisa que a maioria tenta evitar, delegando-as à indispensável faxineira, aquela parte do cotidiano doméstico relacionada com a alimentação – que está simbolicamente ligada à casa, que é o lugar por excelência de sua realização<sup>5</sup> – parece receber uma atenção especial. Não se cozinha no dia-a-dia – passam o dia fora em função do trabalho e à noite chegam “demolidos” e sem vontade de se ocupar disto – mas, todos são enfáticos em afirmar que sabem cozinhar. Porém, a importância de realizarem suas próprias refeições pode ser percebida no desejo de adquirir um forno microondas, quando a vontade de cozinhar se esgota, como comenta Gilmar:

Eu sempre cozinhei muito bem, mas agora estou de saco cheio de cozinhar. Eu, agora, estou namorando um microondas. A solução da minha vida é um microondas (Gilmar).

Embora o forno denuncie a substituição da comida caseira pelos congelados, pode-se pensar que é uma forma prática, de continuar cuidando da própria alimentação, dentro de casa. É interessante que o sonho não seja por uma máquina de lavar roupa, por exemplo, o que demonstra que lavar a própria roupa não adquire a mesma importância que, de alguma forma, preparar a própria comida.

Embora não se cozinhe cotidianamente, “encha-se o saco” com o tempo e sonhe-se com um forno microondas, saber cozinhar é fundamental. E quando não o sabem, mostram-se interessados em aprender, demonstrando o quanto é importante esse conhecimento.

A entrada na cozinha parece-nos funcionar como uma espécie de ritual de comprovação, onde realmente irão afirmar

---

<sup>5</sup> Acerca do significado da casa, enquanto o lugar onde se realiza as refeições cotidianas, adquirindo sentido pela comida, ver Woortmann (1983).

sua auto-suficiência e autonomia no doméstico: provar que se é capaz, não apenas de manter a casa em ordem, mas, o que é principal, manter-se dentro dela. A derradeira e fundamental comprovação de que não necessitam de uma mulher para supri-lhes as necessidades cotidianas.<sup>6</sup> Cozinhar é, antes de tudo, um saber. Um saber através do qual eles constroem uma auto-imagem enquanto “homens modernos”.

Assim, ao tomarem para si a tarefa de “nutrir-se”, estes homens estão assumindo um papel eminentemente feminino, e negando às mulheres sua principal função: a de “nutris”. Segundo sua própria opinião, neste terreno, eles estão se saindo melhor do que as próprias mulheres. É comum comentarem que, entre seus pares, os homens cozinham melhor que as mulheres:

Olha, modéstia à parte, eu cozinho muito bem. E, sabe de uma coisa: os homens cozinham melhor que as mulheres.

- Melhor que todas as mulheres?
- Que todas não, das amigas, das mulheres com quem eu convivo. É claro que melhor que a minha mãe eu não cozinho (Emílio).

Assim, eles assumem uma prerrogativa feminina na construção de uma nova imagem de homem, sem, no entanto, deixarem de marcar sua superioridade. Superioridade em relação às mulheres que fazem parte de seu universo relacional – aquelas que, como eles, invadem os domínios do “outro” –, pois competir com a mãe, neste terreno, é concorrência desleal.

Como vimos, o envolvimento com o doméstico é parte significativa da construção de uma nova imagem masculina que se faz pela confluência entre o homem “moderno” e o homem “sensível” – autônomo e independente, mas que incorpora traços

---

<sup>6</sup> Como demonstra Woortmann (1983): “em todos os grupos sociais sobre os quais existem estudos de práticas alimentares, as refeições são preparadas pela mãe de família. Na divisão do trabalho familiar o domínio culinário é feminino”. É ela que, ao realizar a mediação entre o cru e o cozido, fornece comida e, num outro plano (na relação metafórica entre o ato de comer e o intercuro sexual), ela é também a comida do homem (a este respeito, ver também Da Matta, 1986). Ao homem cabe, quando muito, a cozinha “festiva”: como o maitre, os grandes cozinheiros ou o gaúcho com seu churrasco.

que tradicionalmente marcam a construção da feminilidade em nossa sociedade.

E será nos jantares, oferecidos aos pares, que se terá o reconhecimento público deste investimento na casa, este espaço que constitui-se no lócus simbólico da nova imagem masculina que eles buscam construir.

Sempre que surge uma oportunidade, eles organizam em suas casas um jantar com amigos, cujo cozinheiro será o próprio anfitrião, como assinala Woortman (1983):

Não convidamos pessoas para jantar em nossa casa a fim de alimentá-las enquanto corpos biológicos, mas para “alimentar” e reproduzir relações sociais, isto é, para reproduzir o corpo social, o que supõe que sejamos em troca convidados a comer na casa de nosso convidado anterior. O que está em jogo é o princípio da reciprocidade e da comensalidade. A presença da comida é, contudo, central, reconstruindo necessidades biológicas em necessidades sociais (p. 2/3).

De fato, para estes indivíduos que se encontram morando só por uma opção de afastamento dos laços familiares, esses jantares se constituem em espaços importantes para “alimentar” as relações em torno da rede de sociabilidade. “Alimenta-se”, assim, as amizades, e cria-se um espaço de reciprocidade, que se constrói em torno da comida, mas que acaba “alimentando” outras trocas<sup>7</sup>.

Porém, esses jantares podem também ser interpretados como um momento ritual, não apenas para alimentar a reciprocidade, mas no qual irá cristalizar-se aos olhos dos pares a imagem de homem que eles buscam construir morando só: o homem que, dentro de casa, tem completa autonomia. Demonstrarão não apenas seus dotes culinários, ao preparar suas especialidades, mas também sua capacidade de administrar e

---

<sup>7</sup> Acerca dos elementos que permitem e induzem a constituição de uma rede de sociabilidade centrada em torno da amizade, preferencialmente aos membros da família de origem, neste universo intelectualizado das camadas médias, ver Velho (1986).

manter organizado e decorado seu espaço doméstico. Enfim, que estão entrando em espaços femininos e que podem manter-se sem precisar dos cuidados de uma mulher. “Alimenta-se”, assim, uma imagem.

## Referências Bibliográficas

- BUFFON, Roseli. *Encontrando o “Homem Sensível”? Reconstruções da Imagem Masculina em um grupo de homens das camadas médias intelectualizadas*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFSC, 1992.
- MORAES, David Pereira. A Opção de Ser Solteiro. *Jornal do Brasil, Caderno Especial*, p. 3, 14 de julho, 1985.
- RIAL, Carmem. *Mar de Dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1988.
- SALEM, Tânia. Família em Camadas Médias: uma perspectiva antropológica. *BIB*, Rio de Janeiro : ANPOCS, n. 21, p. 1-80, 1986.
- SALEM, Tânia. O Casal Igualitário: princípios e impasse. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo : ANPOCS/Cortez, n. 9, v. 3, fev. 1989.
- THIÉBAUT, Dominique. 1990. Le Marché du Célibataire. In: *Les Aventuriers du Celibat. Nouvel Observateur*, p. 36-43.
- VELHO, Gilberto. 1981. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro : Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro : 1986.
- WOORTMAN, Klaas. 1983. A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino. In: *VII Encontro Anual da ANPOCS em Águas de São Pedro*.